



insólito

demetrios galvão

insólito
demetrios galvão

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

demetrios.galvao@yahoo.com.br

Editora Corsário

Caixa Postal 6026 - Fortaleza – Ceará

CEP 60440-546

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

Ficha Técnica

Editor Responsável | Mardônio França

Co-Editora | Katiusha de Moraes

Projeto Gráfico | Dirceu Matos

Revisão | Thiago E. / Luiz Valadares

Fotografia de Capa | Demetrios Galvão

Impressão | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Catalogação na Fonte

AGUARDANDO BIBLIOTECA NACIONAL

para emanuelle chaves

*as rochas não pesam mais
que nossas sombras.*
octávio paz

*morremos sempre.
o que nos mata
são as coisas nascendo.*
hilda hilst

insólito
demetrios galvão

índice

o estranhamento na poesia de demetrios galvão	13
a gaveta guarda uma coleção de pedras	
insólito	27
introdução ao caminho da serra	28
sábado desaba em andorinhas	29
a gaveta guarda uma coleção de pedras	31
anotações sobre a cidade alheia	33
do quarto andar de um copo de vinho	34
bolo com gosto de chet baker	35
quase um sonho na latitude 57	36
alguém comeu minhas mortes	37
presságios dentro do diafragma	39
a previsão do tempo é uma falácia	
insônia	43
um paquiderme	44
a previsão do tempo é uma falácia	45
perdi muito mais que uma orelha	46
um fragmento da decrepita província	47
cidades rabiscadas remix vol. 1	49
as cicatrizes latem feito cães	51
a espinha de março	55

escorpião na casa de capricórnio	
tua alma de planta ornamental	61
escorpião na casa de capricórnio	62
é preciso alimentar a loucura que carregamos na mochila	63
tudo não passa de um despacho	64
dois perdidos no paraíso fantástico dos lunáticos	65
no quintal de nossos umbigos	66
não passamos de dois cretinos	67
um dia a colisão nos beija a boca	69
cartões-postais do fim do mundo	
se os cinzeiros falassem	73
sono nu	74
dopado no coração mercado	75
café com brassaï	77
uma tarde furtá cor	79
música para indecisos	80
cartões-postais do fim do mundo	81

o estranhamento na poesia de
demetrios galvão

leio e escuto setenta vezes sete o livro insólito de demetrios galvão. leio e escuto na sala, leio na biblioteca e escuto em meu quarto: letras, palavras, versos. leio algumas vezes calado, outras vezes em voz alta. escancaro as janelas do córtex, olho melhor para dentro, converso com o que penso esconder no globo ocular, mas está mais do que nunca exposto, vibra, tremula, aceso entre músculo, sangue, célula, osso.

ao ler demetrios, diante de mim se apresenta uma porção de perguntas sobre um mundo em confronto com as idéias prontas que aprisionam as nossas cabeças há milênios: um mundo sem contradições, sem véus incendiados, sem batas manchadas de esperma, sem ternos rasgados, sem as misérias humanas.

apesar do anúncio da retomada iluminista, pelos arau-tos da cultura européia, no início deste século, este livro tem como matéria-prima um mundo como a boa palavra sempre o reconheceu: um mundo em continuado conflito, em terrível desequilíbrio, que incomoda a poesia.

leio demetrios e falo com ele hoje como se estivesse a ouvir o amanhã ordenado em versos e vozes de poetas que o acompanham, quer seja na abertura dos roteiros do livro, no diálogo dos versos, quer na oficina de gritos, silêncios, prazeres oníricos, cantos revisitados dia após noite, não apenas

uma vez a cada dois meses, na casa-quintal, entre ferro-velho transformado em arte pelas areias salgadas do tempo.

leio e escuto demetrios e convenço-me: nas entrelinhas da poesia é possível descortinar o fundo escuro onde o silêncio se manifesta após o clarão executar o seu ofício. bem dentro da gente, contra a parede do espelho que sempre aparece disperso, aos cacos. o que se lê e se ouve nas palavras de demetrios, é contra o desperdício da fala e da audição e de todos os outros instrumentos de carne e osso que possibilitam o encontro com outras sensações, muito além dos sentidos acostumados com os cárceres do nosso corpo:

“a janela late à beira dos teus olhos para uma população de coisas fantásticas:”

demetrios é para ser lido dentro e à margem do papel. ele sabe que somente a poesia completa as águas que escapam do céu em facas de brilho, ou colhem as cores do sol derramadas pelo chão. somente a poesia encontra caminhos onde julgamos intransitáveis, areia movediça, pedra de lodo, ponta de toco, horizonte de areias, lama de pântanos (dói a luz dos facões na pele dos papiros dos pântanos de nyamata!)

se o leitor quiser entrar nos campos de plantio da poesia, sugiro passar primeiro pelos pântanos que foram feridos pelos facões da noite, em algum lugar esquecido no mundo. se quiser invadir seus espaços de tempestades e silêncios, é preciso, sobretudo, sabedoria para descobrir o que fizeram com

o sangue de nossa cor aos pés dos papiros, nas terras dos grandes lagos, onde está registrado o nosso começo.

a leitura de demetrios me leva à presença de um cara que viveu há muito tempo do outro lado do mundo de nome octave uzanne. ele me diz que os livros, como hoje se apresentam, em folhas de madeira, deixarão de existir. disse isto e mais disse:

“ - eu vos repito meus amigos que considero aqui somente possibilidades incertas. quem poderia aqui, dentre os mais sutis entre nós, profetizar com sabedoria? os escritores deste tempo, já diria nosso querido balzac, são os manipuladores de um futuro escondido sob cortinas de chumbo.”

ora, ora, por que ao ler demetrios os meus dedos de repente abrem as páginas de octave uzanne? talvez porque esteja ao meu alcance na hora em que leio e escuto demetrios. talvez porque ao ler e ouvir demetrios acredito que livros como o insólito continuarão a valorizar suportes aparentemente desgastados como o papel.

demetrios põe fogo nas tintas de sua escrita e preserva e purifica as folhas onde escreve. o fogo, a perpétua flor que acompanha a raiz das palavras, desde o início da fala do mundo. o fogo que mantém viva a palavra quando atirada no abismo do papel em busca dos enigmas. com as palavras acesas no papel atravessamos os becos do sono e acolhemos, quando necessário, a linguagem dos sonhos: matéria-prima

especial da poesia. com as palavras acesas retiramos do fio tênuê estendido nas janelas as coisas que estão sendo atropeladas pela escuridão. com as palavras acesas brincamos no trapézio das noites que se abrem para os ceremoniais dos dias; fogo combustível das naves invisíveis que salvam os poetas das artimanhas dos eternos manipuladores de sentidos que continuam a expulsá-los da república porque ousam chamar de sucata velha e teimosa a cidade dominada pelos deuses de pijama.

em demetrios, o estranho se escreve no esqueleto do caos das urbes que já nascem desgastadas, com seus homens e mulheres adoecidos. cidades de paisagem repleta de pregos, arames farpados e cercas energizadas; cidades com seus prédios, muros, viadutos que, postos de pé, logo se apresentam com suas rachaduras, suas infiltrações de águas, seus reboços feridos, seus tetos sem raízes.

leio e escuto demetrios, sentindo o compasso de leituras assimiladas, como se caminhasse por um labirinto de papel cuidadosamente percorrido por uma geografia de terra medida, por ruas de nomes vivos, por um mar de águas secas de uma cidade que não possui nem ar, nem sal, nem coração, mas que pulsa em sua poesia e que, por isso, por ter sido tocada pela poesia, cumpre seu destino de peixe, entre rios que agonizam, hoje “coroas”, sol e susto:

“cidade cheia de presságios dentro e fora do diafragma”

poesia recortada em fotografias. fragmentos do diálogo com uma cidade que ao pulsar se debate em busca de seus horizontes perdidos, descoloridas cicatrizes de ruas, becos e avenidas, que não saram no corpo de cimento e asfalto. cicatrizes que berram como cães vadios de olho na lua em cio com o sol:

“uma rua de escamas espera uma cor cair do céu para alimentar sua história.”

demetrios escreve poesia porque sabe da impossibilidade de remendar os rios. escreve poesia porque descobriu os decibéis que medem o apito do automóvel, substituto, na metrópole, do cântico dos sabiás que preparavam os dias para receber as manhãs. escreve porque sente necessidade de limpar a neblina dos nossos olhos que teimam embaralhar o tempo certo das chuvas. escreve porque se sente ameaçado pelos embriões nervosos, pelos cogumelos que nascem e apodrecem tão rápido no chão da casa dos nossos dias:

“fotolitos de cinema usado / na despensa de uma avó do século passado”

aviso ao leitor: o desejo do poeta é ser ninguém, é não ser nem ele, é ir embora. seu desespero, portanto, busca o outro que escuta com olhos quando os ouvidos não estão prontos para o desafio das palavras. um ser de palavra de olhos agudos e ouvidos movidos à voz, um ser construtor de sentidos, sentidos múltiplos, sentidos outros para o que lê e ouve.

basta-lhe um ser de palavras para acompanhar os passos das letras nos papéis desarrumados sobre a mesa desatenta: retratos, colagens, dicionários de pedras, voz das sombras rompendo com o silêncio.

demetrios é inquietação. inquietação com guizo de cobra no rabo. duvido que haja poesia sem inquietação; rumor de asas, cais em luta com os cascalhos e as águas; vento em alvoroço metido nas tempestades com seus ciscos de folhas secas e areias.

volto ao começo dessa escrita: haverá, hoje em dia, algum diálogo com a poesia que não seja uma conversa extraviada? poesia é provocação que se junta ao verbo e cria. poesia, nada mais que provocação. a poesia que nunca aceita a comodidade dos nossos olhos, nem a paciência dos nossos ouvidos que acolhem, sem questionamento, os espirros do nosso nariz cheio de lama.

demetrios escreve com os dentes, não apenas com os dedos. suas palavras retiram o grude dos nossos olhos, extraem a cera dos nossos ouvidos. suas letras tem forma de presilha, bisturi, bala, bomba, coisa de ponta que pode retirar o lixo dos buracos da carne, explodir o que se acumula em alguma parte dentro da gente:

“em caso de incêndio nas partes íntimas / deixar o fogo consumir o resto do corpo”

leio e escuto demetrios, como se recebesse um sopro e um soco no rosto. eu, que sempre busquei algo capaz de transformar o barro velho, arcaico, apodrecido, em pedra de flor, me vejo agora diante de um livro que me assusta com seus versos de beleza contagiente. ele, que desde os primeiros escritos que li no final do século passado, tem encontrado as palavras certas para o poema, consciente de que a poesia não aceita a displicência verbal, a linguagem frouxa, o ruído sem novidade.

ele, que sabe que não é por acaso que a poesia nasceu com uma boca exigente enganchada na pele. ele, que no encalço das palavras confeccionou este livro com a roupa dos seus sábados, vestidos de andorinhas, em acrobacias de luzes abafadas pela cor da chuva de nosso eterno verão.

leio e escuto demetrios em diálogo com um funeral barroco. colho metáforas vivas em seu olho de peixe oblíquo, fora de uma gaiola de talos secos de pindova. descubro palavras dentro de uma couraça que mais parece ferro no escuro, mas que no fundo transparece. ele, um remador do barco bêbado, porque transporta pelas águas que nunca chegam ao lugar desejado, um rimbaud louco ao exigir resposta impossível da poesia sobre a fome de corte do instrumento cego que amputou uma de suas pernas, antes de morrer, no leito sombrio de um hospital da frança.

leio demetrios tentando pegar o tempo com os olhos. o tempo, cujos frutos amadurecem depois de muitos toques do sol,

da água, do sal, das fezes, que em metamorfose, cumprem exercícios, fazem nascer outras coisas. o óbvio é que amadureça o verde para depois mover-se o significado, o cheiro do fruto. neste livro os frutos amadurecem depois que comprovadamente apodrecem e ficam outros: explosão de fragmentos, granadas de palavras, cacos de signos, aço, alumínio, flandres, e o que mais brilho expresse, ao se espalhar em superfícies sem vida. letras furiosas abrindo os seios da poesia, olhares criando dicotomias, inquietos, como um rio-poço sem tampa e sem fundo, onde a claridade é única, com poder de asas para atingir a imensidão do vazio e envolver o leitor em novo aprendizado:

“...,pernas e braços e cabeças e troncos espalhados pelas calçadas,”

“molduras fora do corpo, ossos sem articulações...”

paro de ler e ouvir demetrios: a fome grita pelo meu nome. a fome, que é mais desesperada do que se pensa. mais desesperada do que, digamos, o desejo. a fome me chama com a sua voz fanha de lata rasgada. chama-me e tenho que obedecê-la. o que será de nós, leitor, sem essa fome de voz fanha de lata rasgada que as letras invocam? procuro os pés para achar o chão. não encontro. aproveito e guardo a fome em mais um verso de pele escorregadia, de voz de osso:

“desligue o fogão e ponha os pratos na mesa, que embrulho a íris e te dou de presente.”

ou

“de nossas manhãs fizemos café e tomamos luz do sol, almoçamos nossas sombras com molho de tomate”

aproveito as reticências, destranco portas e janelas de nuvens que brincam no horizonte do apartamento, colho outras imagens no fundo de algum objeto de alumínio que me impedem de comer o sol. aguardo o colorido de almodóvar. caberão num prato estas imagens famintas? chego à cozinha e me deparo com o aparentemente menos palatável, sons de cores, jardins sinestésicos que restaram no livro: alimento dos camaleões. tento comer, mastigar, disfarçar a fome que acaba me conduzindo a pedaços de um animal levado ao matadouro, cabeça baixa, cicatrizes no sono, mesa povoada de sangue, carne, nervos e convenço-me: impossível ficar diante de tudo isso sem um movimento, sem uma palavra, sem um desabafo, sem avisar aos olhos como é terrível o pavor de cada corte na carne do animal torturado:

“e tudo vaza pela ferida do pé...”

por um momento, os escorpiões tomam conta do livro. escorpiões com seu veneno fatal na ponta do tridente. advirto: seu ciclo de ódio não acaba. diferentes das criaturas que se renderam logo no início, sob a promessa de um jardim farto de sabedoria, aos pratos de frutos que nunca amadureceram.

a poesia de demetrios é água em planície de suor agredido pela secura do cais, pelas escamas das costas dos batráquios, pelo esporão em bico de pena, cornucópias em conversa com a península dos renegados, alfazema nos olhos da escrita, marés onde barcos estacionam para desembarque do tempo de olhares órfãos. poesia pronta para bater em nossos tímpanos, para alcançar os fios de sol do nosso caos: as nuvens cegas continuam sem cura. todos compram verdura. o leitor por certo perguntará: o que tem a ver verdura com nuvem? ora, ora, não basta um sentido nas coisas. são várias as bifurcações, os desfiladeiros. muito do que se lê e se ouve está morto por falta de outro nome, por falta de movimentos da escrita que dancem com novos sentidos:

“o silêncio costurado com barbante faz lembrar que as raízes cortadas fazem falta:”

tudo parece estranho na escrita de demetrios. mas, estranha não é a sua poesia. estranho é o mundo da cidade – pessoas, coisas – que desafia em seu livro. estranho é o tempo em que demetrios escreve.

recado ao leitor: não fique quieto diante do que demetrios escreve. não espere o bote de seus versos. vá ao encontro de suas palavras. aceite a oferenda dos seus ventos. para aproveitar as sombras que seguem os caminhos dos seus versos, basta que aceitemos montar os seus cavalos furiosos:

(é inútil pensar que sairemos ilesos à noite)

concluo a leitura. deixarei que o leitor ouça o que fui incapaz de alcançar. deixarei que o leitor examine o clarão de fogo de suas palavras e o espalhe, com a delicadeza de quem derrama água com a concha das mãos de um anjo incendiário sobre o corpo de um homem que alcançou a criação e pode, sim, ser chamado de pequeno deus.

...me recolho, farto de luminosidade, carregado do invento de demetrios: corpo-palavra; corpo-imagem; corpo-lente em cada parte insólita da imaginação:

“uma tempestade de insônias sopras nos olhos”

“os faróis acendem uma cadeia de mandíbulas”

distanteresina, julho de 2011.

rubervam du nascimento, poeta maranhense que reside em teresina/pi. autor do livro: a profissão dos peixes (2^a edição, revista e diminuída) marco-lusbel desce ao inferno, prêmio da editora blocos/rj, (rio/rj:1998); prêmio: cidade do recife/pe, com o livro: os cavalos de dom ruffato (2004) e o vi prêmio da livraria asabeça/scortecci editora, com o livro: espólio (1^a edição: 2007) (2^a edição: 2011)

a gaveta guarda uma coleção de pedras

não tenho idéias só o contorno de uma sintaxe (= ritmo)
ana cristina césar

insólito: carregar cemitérios e ferrugens nos bolsos: o mar quando escapa pela fenda e escorre para dentro do olho, como barragem que estoura o que lhe detém ou dente abrindo caminho na gengiva passiva: o sono do gato é abismo profundo sem escadas, escamas, cabelo, corda para se agarrar: o ranger desencadeado pela ciranda da lua desenterra pássaros, carrancas e borboletas que carregam santuários coagulados nas ruínas de suas asas oxidadas: – a mancha úmida na parede é gozo do tempo.

introdução ao caminho da serra

(antes de qualquer coisa a estrada, o interior e o nada, a garganta da terra e o gritador, a saliva do outro, a serra, o acelerador, cavalgar o dragão, se alimentar do silêncio e dos ruídos e do que as ovelhas trazem de negro em seu pêlo manso, escorregar para a maciez do frio: vénus entre a terra e o sol. mas teus olhos portam um lodo insípido e caramujos dóceis de sono sem fim lamber teus pulsos é um presente: andar de bicicleta até cair no teu aquário junto com os caramujos.)

sábado desaba em andorinhas

*e alguns meninos idiotas encontraram pelas cozinhas
pequenas andorinhas com muletas
que sabiam pronunciar a palavra amor.*

garcía lorca

a luz do dia acolhe o amor que acorda. as andorinhas brincam no parapeito dos prédios sem se preocuparem com seus pais, incorporando exus e fazendo acrobacias perpendiculares ao canto da multidão. não há como remendar os rios, nem fazer dos galos o despertador das metrópoles. uma rua de escamas espera uma cor cair do céu para alimentar sua história. pessoas fardadas borram o vento que passeia. o som de um pandeiro modela as curvas dos pedestres: um inseto faz-se broche na manhã de nossos peitos.

jorge de lima guia o barco bêbado
meu capitão faz troca-troca com dionísio
e um deus pagão dança nu na lâmina reimosa do asfalto:
uma guerra toma conta do meu sexo.

cogumelos inflamados nascem no tórax da neblina
onde a última chance morre na cama.

tua cabeça é paralelepípedo arremessado na minha medula.

anotações sobre a cidade alheia

os telhados falam do que não conhecemos, eles falam a língua dos musgos, da tinta seca, das telhas velhas: pegadas-perdidas-de-elefante. as paredes se escoram na flacidez do tempo, preguiçosas e pacientes, acordadas pelo som coletivo das matracas e o movimento das ancas dos cazumbás. a obesidade da cidade é um fato; suas estriás vazam – e nelas andamos. pequenas estações em cada fiapo de cimento ou planta, sombra do que se move e não pode ser segura, presa, pisada. a cavidade lasciva da brisa se faz caminho: sessão de filmes-sonhos no horário das pálpebras fechadas: – não quero que os galos me avisem que está amanhecendo.

do quarto andar de um copo de vinho

teu cheiro de sândalo me tira o piso, faz de minhas asas-verdes campos de incêndio – (o som das sandálias e das escadas a tinta e as pautas, o chão e as nuances dos dedos) – a lua é fruta podre costurada no céu, dragão devorando medos no trânsito dos telhados – (carregamos o som com as mãos dentro de sacolas de plástico pelos corredores escadas e atravessando avenidas) – lateja um hospício na cova do crânio quando preciso atirar no alvo fugaz com as mãos trêmulas.

bolo com gosto de chet baker

a janela late à beira dos teus olhos para uma população de coisas fantásticas: cabelo perdido, fotografias sem mãe, molduras fora do corpo, ossos sem articulações... e no entrecruzar de flechas-bêbadas-amarelas um acorde do tempo vaza das serras e ressoa em um disco de vinil com gosto de bolo.

quase um sonho na latitude 57

o sol desembrulhou-se quando dezembro findava
em um ninho de pequenos cactos esfomeados.
alguns orixás viram pássaros bêbados
abrirem um novo hospício com seu fanatismo.

insetos vomitaram orações com a delicadeza
de quem carrega uma barriga cheia de mortes,
construindo no céu uma plantação de legumes
que não passavam de borboletas lisérgicas.

os órfãos do rio levantaram estandartes
exigindo que a mãe d'água os criasse.
procissões, liturgias e febres
fizeram o céu naufragar por não haver margem
seu conceito de infinito.

alguém comeu minhas mortes

minha boca suja de sono no teu sonho sujo desata novelos e
subtrai gengivas: gosto de deserto em prato de cerâmica, língua
escorregando pela geometria defasada. arapuca armada:
impossível resistir ao ato de se abismar. a janela cega revela
nódoas, seqüelas atrás dos tijolos. o silêncio costurado com
barbante faz lembrar que as raízes cortadas fazem falta: –
onde furtaram meu quase nada há um incêndio infinito e
asas longe do tronco.

presságios dentro do diafragma

sonhos perturbam na ausência – (serpente cercando o silêncio) – quando tua voz me lambe – (presságios dentro do diafragma) – me petrificando no labirinto de caminhos que se bifurcam – (cactos meditando no jarro feito buda) – .

a previsão do tempo é uma falácia

*o texto, escura escama, pesadelo de eternidade,
máscara densa do universo vomitado.*

afonso henriques neto

insônia é não ter palavras para o sono

é não convencer o travesseiro a aceitar a cabeça
é ter no lugar do colchão uma avenida
é insistir conversar com os móveis da sala
é emprestar memória para os peixes do aquário

é desconhecer o trapézio da noite.

um paquiderme atravessa o beco dos sonhos
onde se transam tóxicos.

orixás e poetas dançam em um show de rock
desmontando a coluna vertebral da noite.

há uma assombração em meus calcanhares
e uma casa azul dentro dos ossos.

fotografo o absurdo para não dizer nada
revelando instantes binários em pigmentos de absinto:

fotolitos de cinema usado
na despensa de uma avó do século passado.

um paquiderme atravessa o beco dos sonhos.

a previsão do tempo é uma falácia

p/ mardônio frança e nuno gonçalves

os brinquedos, os jogos de adivinhação, a cidade e suas senhas-salamandras, as mandalas hipnotizadoras, a rota da barbárie e as memórias que entregam o seu coração aos bandeirantes, que entregam seus nomes, sua prole, seus sonhos de se tornarem camaleões ou peixes ou águias ou fogo. há setas que apontam pro norte, há uma confusão nos sensores, sentidos, os poemas-malabares cospem fogo, os cheiros e o sexo estão longe, o mar chega para lamber e sarar as feridas, o vento é chicote bem vindo nas costas, os brinquedos agora obsoletos, as conchas do mar, o pára-quedas está nas costas esperando ser aberto, a cidade colméia cria seus doentes mentais, a cidade frankstein devora seus doentes mentais, a cidade é uma seqüela aberta, ferida que nunca sara, cores mortas, portas fechadas, pernas e braços e cabeças e troncos espalhados pelas calçadas, os desenhos que se pintam são hecatombes, terremotos, nada de cores de almodóvar, a cada esquina um besouro a descer pela garganta, a sala de estar é um calabouço, um cala boca, uma mordaça, moscas cercando os cadáveres da cidade-hospício, cercando as mentiras e a dor da lembrança, pegamos carona em corpos alheios pra esquecer os sonhos ruins, há lugares que vendem coisas que já aconteceram, que já tocaram, que já foram vistas, que já foram lidas ou faladas, a cidade é uma sucata velha teimosa.

perdi muito mais que uma orelha

e tudo vaza pela ferida do pé: as árvores sorumbáticas, os peixes dopados de barbitúrico em mazeladas coreografias. a paisagem cabe em garrafas, enfilo os fantasmas em um cordão e os penduro no pescoço. os dentes estão sujos, o corpo livre, os ossos antes oxidados sentem a velocidade retomar seu lugar, os espinhos nascem fortes novamente, devo a alguém o que me foi de vazio. o telefone está mudo e o colchão acolhedor em sua extensão longitudinal, província dos sonhos que arrebenta o nervo dos álbuns de fotografias, capitania tremembé guardada na memória das pedras. – e tudo vaza pela ferida do pé.

um fragmento da decrépita província

teresina explode num jogo de fliperama, entre um dicionário e o peso da mediocridade, suspensa como um móbile, cheia de conceitos e recortes obtusos. face feita de algo sem passado, estéril ao que se movimenta e o barulho das sementes é estrondoso, raízes aos montes e prédios sem alma se erguendo como bambus na beira do rio. fluxo desordenado de matéria. o bolo abandonado no prato de beirada quebrada lembra algo velho descartável sem utilidade desafiando qualquer velocidade ou dinâmica e assim de graça eu digo que quero te beijar e esquecer que estou preso. caio fernando abreu vomita na minha cara e não me mexo falo reajo estático como o meio-fio, apenas margem, o nexo às vezes é só uma consequência do que pode ser o absurdo desfilando de um lado pro outro feito bicho de zoológico. teresina explode em clichês gordurosos.

cidades rabiscadas remix vol. 1

a decomposição atroz e as vertigens.

fechar as janelas diante do simulacro e
se derramar pelos diversos andares da cidade
pelo hipertexto de suas entranhas
de suas tripas magnéticas
de sua fauna nervosa
de sua flora deserta em seu rizoma de concreto.

a decomposição atroz e as vertigens.

ruas lineares x o acaso dos dados na diáspora do sólido
o lado de dentro e o de fora de uma cartografia
buscar uma fenda para se esconder
no paradoxo luz / sombra
digerir o desejo das estátuas na dilatação ao sol
uma eternidade de enigmas adormecidos.

a decomposição atroz e as vertigens.

as cicatrizes latem feito cães

i

as cicatrizes latem feito cães

os olhos vestem luvas de boxe.

cato sons perdidos que o mar joga na praia gangrenada

enquanto o céu derrama sobre os cabelos da terra

o que contém em seu estômago esquizóide.

basquiat me olha com cara de exclamação

me deixando sem jeito

espaços vazios entre paredes

circundam o diâmetro de sua face.

parece doente:

até as pedras adoecem e se espalham em agonia,

rolam e saltam das serras.

ii

conhecemos apenas a cidade rasa,

a superfície do acaso.

falta um sobrenome,

predicado,

uma alegoria qualquer.

ultrapassar as vírgulas que separam

as barbatanas do hipocampo.

depositei meus dentes no bico de um
galo misantropo
pra ele dar fim ao pesadelo que se esconde
nos subúrbios do sono.

iii

um pedaço de música pede socorro ao chão e
o olhar cria raízes
em planícies subliminares.

morphine no som e o rosto desmancha
na mão desiludida;
dostoiévski ao lado de uma legião de pensamentos falidos
acompanha a rouquidão do sax.

iv

às vezes salto para fora do corpo e
o que as pupilas alcançam na decadênciā do ocaso
são vertigens: o movimento rarefeito do
poeta alimentando o caos,
uma multidão de fantasmas se libertando de seus asilos nas
sombras que nascem
do vício nas cinzas.

o caracol carrega em sua casa
um ninho de silêncio no lodo dos ponteiros:
parênteses que acolhem um corpo gelatinoso e
servem de despensa pra guardar minutos quebrados

:

v
os pés das árvores seguem seu curso se alimentando
dos cacos de signos.

a espinha de março

i

a espinha de março atravessa a garganta do abismo.
um relâmpago indigente cai no deserto de presságios
perpendicular às asas verdes inoxidáveis que me pertenciam.

quando no entardecer chovia no sol-laranja
os últimos demônios que ainda esperneavam se iam,
deslizando lentamente pelo orifício do horizonte
acompanhando o movimento do astro sumindo.

ii

21 gramas é o peso da alma dentro da anatomia rígida do caroço,
do hermetismo flácido da certeza
quando os pássaros caem feito folhas
no chão abjeto,
um quase-som do violinista verde.

impossível saber que código contém aqueles rostos:
quase poço sem fundo.
não importa.
fazendo a barba dos olhos com navalha
eu deixava a assonância dos acordes criar sons de cor,
jardins sinestésicos
pra alimentar camaleões.

iii

março passa a conta-gotas em pingos diacrônicos,
um gole no líquido baldio da xícara
e um gosto suave insiste em permanecer,
imitando os dias teimosos.

as alpercatas do tempo acariciam degraus,
a tangente dos cílios,
o astigmatismo do olho d'água:
a diáspora das figuras-carcomidas que moravam
nos armários,
gavetas,
estantes da lembrança.

iv

– os insetos digerem o mundo na sua
enzimática-paciência-atemporal,
tal como as ostras em seu silêncio-de-calcário-inacessível
guardam os pecados do mar num cofre impermeável.

escorpião na casa de capricórnio

*desejo é um todo de carícias
uma boca sem forma, caracol de fogo.
desejo é uma palavra com a vivez do sangue
e outra com a ferocidade de um só amante.
desejo é outro. voragem que me habita.*

hilda hilst

tua alma de planta ornamental
tem gosto azulado
e teus gemidos
são escorpiões em chamas
nas cores de chagal
pedindo perdão
aos ventiladores do absurdo.

assim nascem os acordes das manhãs
na escoliose de meus telhados.

escorpião na casa de capricórnio

chove um som verde na paz dos musgos e os crimes se libertam nos quartos de motéis: nos encontramos com a fúria de dois cometas que se chocam, movimentos selvagens, contradições na faringe metálica e sexo na contorção fumegante dos corpos irresponsáveis – (os olhos são ogivas de cilício sobressaltando as costas) – nossos fluidos escorrem para o mangue da alma: rio caudaloso a desmantelar a neurose dos ponteiros em estranhas experiências, como se toda a história fosse só um agora – (o que sobra são os garranchos sobrepostos e os escombros molhados) – violamos o que de mais íntimo nossos pés tocam, saltamos as pontes, as linhas de trem e o azimute do horizonte – (é inútil pensar que sairemos ilesos à noite) – nossos delírios conjugados cavalgam as luas de saturno enviando sinais jamais pronunciados – (os braços que nos cercam são noctâmbulos) – as carícias desmangkanham armaduras, recolhendo para a dispensa a utilidade das unhas de aço: nosso amor fosforescente se escreve na avenida eros.

é preciso alimentar a loucura que
carregamos na mochila

(ao som de björk)

sinto o cheiro de teus movimentos coloridos violando minhas
brânquias, desorganizando meus órgãos. as luzes derrama-
das pelos teus dedos formam cachoeiras de revelações: co-
nexões que nos suturam um no outro. tateamos no escuro
nossas planícies de suor intenso, enquanto devoramos as di-
mensões da moldura escalena. nossas barbatanas, escamas,
esporões, se amalgamam na alameda de nossas orelhas. há
dias em que surtar é inevitável e as cordas não conterão as
vertigens. há dias em que a potência transborda os paredões
de contenção e subimos as calçadas e gememos sem parar:
alimentamos nossa loucura com o borrão de nossos passos
vadios.

tudo não passa de um despacho
(ao som dos afro-sambas de baden powell
e vinicius de moraes)

abre os braços e sem dizer nada enlaça tuas raízes na língua obliqua que queima. alimenta o peixe-poeta que tu carregas no bolso e não te preocupes, temos ternura e veneno para nos defender dos lunáticos. o som dos violinos arranca os pêlos do peito e faz deles travesseiros pros ouvidos cansados. *meus olhos ardem – pão de milho – e os anjos choram na cidade de tanta felicidade.* cavalgamos os grilos do devir e domesticamos o mau olhado que nos cerca. as árvores absorveram nossa febre e seus galhos ostentam bolsas de soro. a cidade que devastamos, hoje, é orifício da terra: brejo que esconde nossa fragilidade. arquejamos após o contato com as entidades do além, no terreiro das parabólicas.

dois perdidos no paraíso fantástico dos lunáticos

a escuridão dos teus olhos esconde um jardim de samambaias arcaicas e caixinhas-de-música, embora a primeira visão seja a de facas. a carroça que transporta nossa letargia desconcerta a caligrafia do tempo e a linda tristeza do samba dá forma às paredes que revestem nossos dias: como cornucópias decorando a península dos enjeitados. – percebemos a geometria do outro através do faro: lampejos no rodopiar do carrossel de cavalinhos infantis. renascemos a cada morte providencial, toda vez que um novo poema se inscreve na órbita das alfazemas.

no quintal de nossos umbigos

o teu riso desata um solstício – (suprimimos os travessões, os dois pontos, as vírgulas, atropelamos a semântica com beijos salgados. retiramos do relento os balões desgarrados, retiramos também do guarda-roupa os sonhos velhos e os refizemos para o uso diário. nos encontramos quando erramos os caminhos, quando na interseção dos itinerários brincamos de nos perder e de nos achar e de trocar de pele.) – a cada gesto... um poema de amor, um samba, uma brincadeira no quintal de nossos umbigos.

não passamos de dois cretinos

desligue o fogão e ponha os pratos na mesa, que embrulho
a íris e te dou de presente. de nossas manhãs fizemos café e
tomamos luz do sol, almoçamos nossas sombras com molho
de tomate e fizemos doce em calda aproveitando os pecados
que guardamos da viagem. os livros e as bebidas estão na ge-
ladeira, os navios estacionados ao longe enchem seus corpos
longitudinais com nossa felicidade para espalhar nos jardins
que o mar esconde nos bolsos – *eu vou morar depois do mar,*
eu vou morar pra lá do mar. com uma baladeira derrubei
estrelas e alguns ossos da lua para fazer um colar para teu
pescoço líquido. em retribuição, teu corpo se abriu e me per-
di pelas bifurcações do teu labirinto. – desligue as luzes do
mundo e vamos deitar.

um dia a colisão nos beija a boca

mesmo que pudéssemos nadar na noite de chuva a colisão foi inevitável, e quando ela tocou nossas bocas o que escorria era vinho seco. extraviamos os sonhos que escorriam pela corda vermelha que ata nossas seqüelas, as folhas caídas, os abismos de cores sem fim: enleados um ao outro saltamos para fora d'água. como peixes cegos vagamos por cidades esquecidas e praças ensolaradas que pollock desmantelava com seu pincel de canivetes. esfaqueamos a escuridão da noite com os relâmpagos sorridentes que os pardais depositavam em nossos cabelos e continuamos a peregrinação para macondo, desviando das árvores, da insanidade dos postes, dos túmulos, das caretas flamejantes, de nós mesmos alcoolizados. carregávamos no ombro um feixe de almas pescadas na maré baixa, e os barcos estacionados na aresta do tempo descarrigavam uma multidão de peixes órfãos, enquanto o sol mastigava as segundas-feiras.

cartões-postais do fim do mundo

*pego meu pára-quedas e da beira de minha
estrela em marcha me atiro à atmosfera do último suspiro.*

vicente huidobro

se os cinzeiros falassem
contariam histórias de bocas esfumaçadas.

ela mostrou o olho do desejo
e a profundidade de sua vontade.

os corredores e escadas levam às igrejas do passado
e aos mitos novos forjados na noite
com o suor e a carne das ruas.
lugar onde os poetas se perdem
e penhoraram o coração.

sono nu

*é por isso que não se deve orar
senão com palavras desconhecidas.*

paul valéry

um sono nu invade o dia
transforma a matéria sisuda
faz um novo vôo para o besouro.

perplexos diante do sonho
dançamos a caligrafia torta
na margem esquerda dos olhares insólitos.

saudamos o vento-desmembrado na ciranda etílica
quando o mundo se despendia perto do coração.
bandeiras e procissões celebravam o elogio da carne –
a insensatez iluminada do caralho imperador.

as goteiras dentro dos discos dissolveram a guerra
e os desenhos feitos no papel de embrulho.
nossas sombras se despediam pelas ruas de pessoas surdas
no sentido do pátio da consolação –
encontro dos cartazes esfarrapados.

a violência do toque cheirava á noite –
restava lamber os astros da tua cosmologia.

dopado no coração mercado

são os peixes das casas mortas, sem curvas
e sem virgindade
eles não têm receitas para os comprimidos,
eles não têm doutores que curem nuvens.

eu disse a truffaut o que queria
e ele olhou como se tudo que pedi
fosse pouco para um dia.

não morro de nada
converso com os invisíveis e eles me agradam
são ternos e isósceles
escapam e pedem misérias
ficam na beirada e vazam
ouvem as paredes e dizem:
tenho um quarto sem nada.
e digo:
tenho desenhos no tornozelo.

passamos os muros e as extensões
existe o que se espalha na rua
as pessoas recebem os passes e os acordes
se assustam com a poesia em caixas de remédio.

todos compram verduras, alho e rações
trocaram flores por cartas feridas
ficam velhos, reumáticos e não lêem poesia.

meu corpo se desola com nick drack
a manhã se torna desabitada
os gatos rejeitam os lençóis
e o tapete é o local do encontro perdido.

café com brassaï

brassaï sentado no beiral de um sonho:
olhos fixos na paisagem amorfa
tinta nos dedos e sangue nos pés

um casal de gatos siameses lambia
as sobrancelhas daquele rosto inadequado

nas ruas nervosas, os dj's satânicos e as
profecias bailarinas nas praças-comércio-do-sexo

a noite gasosa e o burburinho que pingava
pelos ossos da lua-cinema onde nadja se escondia.

– brassaï toma café-radioativo em uma fotografia de 1933.

uma tarde furta cor

há incêndios circulares e um corpo imóvel.
aldo pellegrini

uma tarde se fez no papel de embrulho com tinta nanquim.
tomava café e derretia mágoas.
no guardanapo, ficavam as noites ruins e
alguns pêlos da barba.
essa era a gorjeta do garçom...

era o descaso...
era...

era frida, pagu e basquiat que pesavam sobre os ombros
era a insônia que levava para os filmes pornôs
eram os pássaros da infância exigindo um pedaço do céu.

era...
era...

era elliott smith atravessando a confusão das facas
eram as chaves se despedindo,
o beijo que ficou sobre a mesa, os sapatos órfãos.
eram os gafanhotos que se soltaram da camisa,
colorindo o muro, o cartaz do próximo filme,
a memória ainda não escrita.

música para indecisos

a música corta os olhos e transpassa a carne
carrega as horas dos indecisos
por livros velhos, cidades-labirinto e noites-cinema
correspondência de sonhos intranquilos.

nas gavetas da memória uma infância barbada
e poemas-biscoito no café da manhã
com aquela ferrugem que carcome os dentes.

doses de pílulas em tecnicolor
e em caso de incêndio nas partes íntimas
deixar o fogo consumir o resto do corpo.

cartões-postais do fim do mundo

o olho em falso vacila na transversal:

no cheiro do medo, o faro desmedido
no horizonte, uma procissão de pássaros fosforescentes
há sol em cada canto do dia e os orixás fazem

poemas-crianças

modigliani montado em um ganso
alimenta os peixes com a estranha beleza de suas mulheres.

uma tempestade de insônias sopra nos olhos:

os faróis acendem uma cadeia de mandíbulas
os vestidos caem do céu no museu-retina-de-porcelana
uma filha de lilith rola à beira do lago das danações
grandes doses de pílulas de café são dadas
às estátuas da cidade e
baudelaire translúcido flana na rua do hospício.

– os corações saltam de pára-quedas
e os turistas fazem festas nos cartões-postais
do fim do mundo.

demetrios galvão aconteci em 26 de dezembro de 1979 na província de teresina. depois disso, iniciaram os percursos: pulando muros e roubando livros, invadindo terras e produzindo fanzinnes. no tempo perdido, ouvia muito rock e escrevia poesia (livros = cavalo de tróia, 2001; fractais semiótico, 2005; cd = um pandemônio léxico no arquipélago parabólico, 2005). seguindo os passos do meio, costurei um curso de história e ziguezagueei por uma cidade-dissertação. hoje, estou doutorando com os olhos em fotografias e trabalhando na academia onírica, realizando performances e fabricando comprimidos-poemas. além disso, exerço atividades domésticas, sou pai de gatos, cultivo cactos e gosto de café.
demetrios.galvao@yahoo.com.br

“purple haze are in my brain / lately things don’t seem the same
acting funny but I don’t know why / excuse me while I kiss the sky
...”
jimi hendrix

demetrios galvão é um geômetra como basquiat, escher e picasso. nossa amizade completa 10 anos: muitos poemas, muitos socos no ar. muita alegria-poesia. insólito, seu novo livro, é um assombramento, uma pegada, uma correria e uma chegada ao firmamento, deixando para nós cartões postais e tudo que você guardar numa gaveta perdida. a poesia de demetrios, forte e visceral, desde os tempos dos fanzines, tem uma composição gráfica expressionista : é uma arquitetura do espanto. tem danças grafos-poéticas que dialogam com apollinaire, e. e. cummings, joan brossa. tem muita música: instigante e distraída da cidade de todos os mundos - é cosmovisão. quando o poeta, em teresina, me mostrou seu livro insólito - feito, quase caí da cadeira. o livro é para ser lido ao som de are you experienced de hendrix - foi assim editado. a primeira vez que li demetrios - estava tudo lá, os sopros surrealistas, o caos, os tempos - o dragão amarelo. os poemas estavam lá e mostrei para o poeta e amigo, nuno gonçalves, o velho rato sorriu e estava feita a partilha da alegria-poesia. compartilharemos a poética, insólito.

mardônio franca, poeta-editor

Livros publicados pela Editora Corsário
www.corsario.art.br

Tris - Ylo Barroso

P(F)onte de Desejos - Ana Cristina de Moraes

An - Uirá dos Reis

Fábrica de Asas - Katiusha de Moraes

Ilha de Virtudes - Onofre Alves

Um jardim chamado Noia - Deribaldo Santos

Carinhanha: entre rosas e veredas

Léo Macklelene G.C, Simone R. Passos, Fabiano Costa Vale, Ana Daniela Neves, Daniele dos S.Rosa

Mitologias Poéticas - Mardônio França

Sorrisos de Vida - Onofre Alves

o livro dos epigramas & outros poemas - Cláudio Portella

o vermelho do céu - Jayson Viana Aguiar

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10
cartão supremo 250g / polem 80g
nas oficinas da Expressão Gráfica
para a Editora Corsário em Setembro
de 2011.

tua alma de planta ornamental
tem gosto azulado
e teus gemidos
são escorpiões em chamas
nas cores de chagal
pedindo perdão
aos ventiladores do absurdo.

assim nascem os acordes das manhãs
na escoliose de meus telhados.